

AMAZÔNIA AMEAÇADA: Método asiático de exploração de reservas tropicais é condenado por ambientalistas de todo o mundo

# Malásia já esquentou as suas motosserras no Brasil

Gigantes da milionária indústria madeireira malaia expandem suas bases para entrar em ação na maior floresta do planeta

Ascânio Seleme

Enviado especial

• KUALA LUMPUR (Malásia) e KUCHING (Bornéu). Depois de terem exaurido as matas da Malásia peninsular e o que foi possível da parte da ilha de Bornéu anexada em 1962, passando a avançar sobre as florestas vizinhas do Sudeste Asiático, a Oceania e a África, as milionárias madeireiras malaias já estão com um pé na Amazônia. Há três madeireiras asiáticas operando no Brasil, coligadas a empresas nacionais. Por enquanto elas se limitam a beneficiar madeiras estocadas nos pátios das serrarias, mas expõem abertamente os planos de expandir rapidamente a atividade, explorando áreas florestais com seu método combatido por ambientalistas do mundo inteiro.

— Crescemos muito e a nossa capacidade de produção estaria estagnada na Malásia. Precisávamos ampliar os nossos negócios. Somos muito bons nisso — diz ao GLOBO Barney Chan, o presidente da Associação das Madeireiras do estado de Sarawak (Bornéu).

Segundo a ONG francesa Robin des Bois, uma das mais importantes da Europa, as empresas da Malásia burlam as legislações ambientais, corrompem a fiscalização e esmagam a concorrência onde quer que entrem. Jacky Bonnemains, diretor da Robin des Bois em Paris, acusa o método malaio de exploração de florestas de ser totalmente descomprometido com o meio ambiente.

## Malalo: devastação paga custo alto da corrupção

Bakar Bin Jaafar, presidente da Alam Sekitar Malaysia, empresa de Kuala Lumpur especializada em medição de poluição ambiental, diz que não há controle possível sobre a voracidade das madeireiras malaias. Segundo ele, a corrupção é sistemática e abrange desde a mais alta esfera do Governo até o último mandatário, já dentro da reserva explorada.

— No momento em que uma madeireira ganha uma concessão do Governo para explorar uma área, começa a pagar propinas. Acaba saindo caríssimo. Para garantir o lucro, a empresa ignora todas as práticas de exploração sustentada. Simplesmente devasta a floresta — afirma Jaafar.

O Governo malaio se defende. Oficialmente, informa o Ministério das Indústrias Primárias, 56% do território da Malásia ainda são cobertos por florestas tropicais. Se levadas em consideração as extensas plantações de seringueiras e palmeiras, de onde os malaio extraem borracha, óleo de dendê e seus subprodutos, a cobertura de árvores ocupa 75% da superfície do país.

Os números são contestados pelos ambientalistas. A Robin des Bois informa que restam menos de 20% de florestas e que o ritmo de destruição é acelerado. Mas, segundo os números do Governo malaio, dos 33 milhões de hectares de cobertura verde original da Malásia, restam intactos 19 milhões e a extração só é permitida na chamada floresta produtiva, e de forma sustentável.

— A lei na Malásia é bastante clara e dura. Derrubar uma árvore de maneira ilegal pode resultar em multas de até US\$ 150 mil e prisão de um a 30 anos — defende-se o ministro das Indústrias Primárias, Lim Keng Yaik.

## Indústria madeireira: 4,5% do PIB e 7,5% das exportações

Hoje, apenas em Sarawak, 700 madeireiras derrubam, 365 dias por ano, as árvores mais nobres e exuberantes da floresta local. São exploradas comercialmente 400 espécies de 150 famílias de árvores, que produzem 32 milhões de metros cúbicos de madeira por ano. A riqueza que geram representa 4,5% do PIB da Malásia. No ano passado as exportações de madeira e seus derivados abasteceram de US\$ 5,7 bilhões os cofres do país, total que significou 7,5% das exportações.

A história dessa poderosa indústria começou há cem anos, com os serrotes manuais tragando as florestas da Malásia peninsular. Meio século depois não ha-

O FIO DA MEADA

## Uma radiografia da floresta

• Desde o domingo passado O GLOBO vem mostrando, todos os dias, uma radiografia da devastação da Amazônia, que inaugurou um novo ciclo econômico na região, depois da borraça e do ouro. De toda a madeira que chega às serrarias locais, 80% são extraídos clandestinamente, por um exército estimado em 300 mil "cupins": sem-terra, ex-garimpeiros, grileiros, índios e outros excluídos. Esta ação dispersa e marginal retira por ano 1,2 milhão de carretas carregadas de toras da floresta. Outra ameaça é o chamado incêndio verde, em que a mata queima apenas por baixo. As reportagens mostraram ainda que, apesar de gerar empregos — e por isso contar com o apoio de políticos — a indústria madeireira levou para o Norte do Brasil problemas tipicamente urbanos, como a poluição do ar e a violência.

via mais o que cortar. Alguns parques florestais foram mantidos intactos para os turistas, mas quilométricas reservas de mata tropical foram abatidas para construir casas, fabricar móveis ou dar lugar a plantações de seringueiras e palmeiras. Em 62, cinco anos após a independência da antiga colônia britânica, a Malásia ganharia novos territórios. Um terço da ilha de Bornéu transformou-se em terra malaia. As madeireiras, que deixaram um enorme rastro de destruição em toda a península, avançaram sobre os estados de Sarawak e Sabah, em Bornéu, reiniciando a devastação.

Odiadas por ambientalistas, as madeireiras da Malásia são a garantia de emprego de dois milhões de trabalhadores no país. Mas são também a maior ameaça ao que resta da floresta tropical da ilha de Bornéu, aos índios penans, aos orangotangos e às demais espécies animais da região. Todos já ameaçados pelo fogo que a cada inverno destrói milhares de hectares de florestas e polui a atmosfera da Indonésia, de Singapura e da Malásia.

## Sibu, já sem florestas, é cidade refém das madeireiras

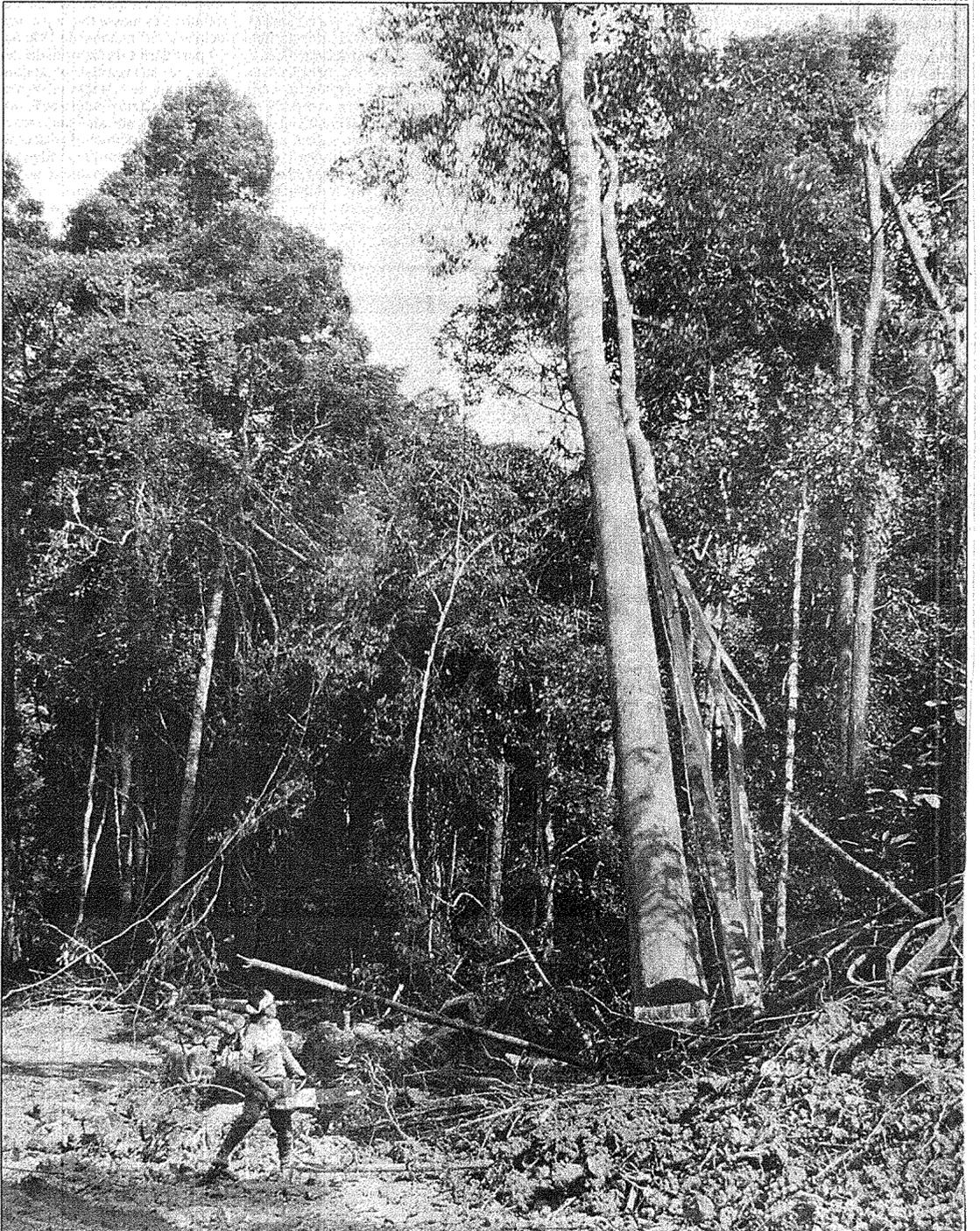
Preocupado com a sua imagem internacional (e a de seus produtos), o país se fechou aos ambientalistas. Kuching, a capital de Sarawak, é como Manaus ou Belém, só que bem menor. As margens do Rio Kuching, a pouco mais de 50 quilômetros do Litoral Noroeste de Bornéu, estão sediados os principais entrepostos de madeireiras da Malásia.

Mas é de Sibu, no interior da Malásia, que vem o mais expressivo exemplo do potencial destruidor dessa indústria. Toda a economia de Sibu gira em torno da madeira. Chegar lá é fácil. Difícil é driblar a vigilância atenta das madeireiras e alcançar as áreas onde é feito o corte predatório. Toda a floresta em torno de Sibu já desapareceu. Para se chegar às reservas de extração percorrem-se por estradas de terra trechos de 200, 300 quilômetros. Também é necessário alugar barcos. Mas nenhuma empresa de aluguel de carros ou barcos se dispõe a colaborar sem a autorização da madeireira local.

Como a imprensa malaia vive sob o tacão de um dispositivo legal que permite a cassação de registros de jornais sem qualquer julgamento prévio (a autorização para que um jornal possa circular é renovada a cada ano) e as TVs são mais controladas ainda, tratar de ecologia é impossível.

— Este assunto é tabu por aqui — explica um editor do "New Straits Times". ■

• COM AS FLORESTAS SOMEM ÍNDIOS E MACACOS, na página 12



MAIS UMA ÁRVORE gigantesca vai ao chão em Sarawak, Bornéu. Depois de exaurirem todas as florestas da Malásia, as madeireiras se expandem pelo mundo

## Uma plantação de palmeiras na Amazônia

Ministro malaio: Brasil não sabe explorar floresta e se curva aos ambientalistas

ENTREVISTA

Lim Keng Yaik

• O homem que cuida do desenvolvimento florestal da Malásia acha que seu país tem muito a ensinar ao Brasil. Ministro das Indústrias Primárias há 12 anos e senador há 26, Lim Keng Yaik afirma que a indústria madeireira do Brasil não progride porque o país tem medo dos ecologistas. Acusado pelas críticas ao modo malaio de exploração de florestas, ele sai em defesa de seu país partindo para o ataque. Crítica o Ibama e diz que a Amazônia foi romantizada por europeus e americanos.

KUALA LUMPUR

O GLOBO: As madeireiras da Malásia que agora entram no Brasil, gerando preocupação entre as ONGs, têm fama mundial de devastadoras ambientais. O senhor acha injusta esta preocupação?

LIM KENG YAIK: É injusta sim. Os produtos tropicais são a riqueza da Malásia. Nos anos 80, os ambientalistas diziam que a Malásia esgotaria seus recursos florestais em meados dos 90. Estamos chegando ao fim do século e ainda temos mais de 50% do país coberto por florestas. O Brasil, país

que já visitei quatro vezes, tem medo dos ambientalistas e esquece sua característica tropical. Podemos ajudar o Brasil.

• Como? LIM KENG YAIK: Somos os maiores pesquisadores de produtos tropicais do mundo. Temos tecnologia para combater doenças de árvores e lavouras próprias dos trópicos. Pesquisamos a erradicação de uma praga das seringueiras da América do Sul. E somos especialistas em exploração sustentada de florestas.

• Mas, no que se refere à exploração de madeira, a imagem da Malásia é muito ruim. LIM KENG YAIK: É uma grande mentira internacional, uma calúnia. Quem estiver interessado em investir em madeiras tropicais sabe que será agredido e difamado, principalmente por produtores de madeira europeus e americanos.

• O senhor acha possível explorar a Amazônia sem agredir-la? LIM KENG YAIK: Amazônia é uma palavra mágica: gera um sentimento de proteção incrível. Temos na Malásia 19 milhões de hectares de florestas naturais e produzimos anualmente 32 milhões de metros cúbicos de madeira, de forma sustentada. O

Brasil tem 500 milhões de hectares de florestas e produz menos madeira do que nós. Vocês têm medo. A Amazônia foi romantizada por europeus e americanos e vocês engoliram a história.

• O senhor concorda com a política de exploração florestal brasileira?

LIM KENG YAIK: Que política de exploração florestal brasileira? O Brasil não tem uma política florestal. O que tem é um instituto de ambientalistas que dirige o setor produtivo, economicamente importante, que é o das madeireiras. Isso é falta de política de exploração. O Ibama tem uma filosofia ambientalista que não combina com a atividade florestal. O Governo do Brasil deveria decidir de uma vez se o Ibama é um instituto de defesa do ambiente ou um fomentador de atividades econômicas.

• Que tipo de atividade produtiva o senhor sugere para a Amazônia?

LIM KENG YAIK: É besteira dizer que as terras da Amazônia não prestam para nada, que sem árvores virariam um deserto. Fazendo a coisa certa, retirar a água do subsolo antes de extrair a madeira, por exemplo, pode-se fazer uma enorme plantação de pal-

meiras na Amazônia. A palmeira é um dos produtos economicamente mais importantes da Malásia.

• Então, no seu entender, o modelo brasileiro de exploração de recursos naturais está errado? LIM KENG YAIK: Na verdade, o modelo de vocês é o americano. Estão destruindo as florestas para abrir pastagens e plantar soja.

• Por que o interesse das madeireiras malaias no Brasil? Por causa da exaustão das florestas da Malásia?

LIM KENG YAIK: Não. A principal razão é a posição estratégica do Pará e da Amazônia em relação ao mercado mundial. Vocês estão a meio caminho da Europa e dos EUA. Os rios são ótimos escoadouros da produção. Só no Amazonas são 200 quilômetros de rios navegáveis. Investimos até agora cerca de US\$ 200 milhões no Brasil. Já poderíamos ter investido US\$ 1 bilhão, não fossem tão complicadas as leis e as estruturas governamentais brasileiras. E estamos prontos para investir muito mais. Mas é preciso que o Brasil mostre sua boa vontade. Se o Brasil quer nossas madeireiras no seu território, que deixem isso claro e receberão enormes investimentos. O Brasil precisa proteger nossas empresas dos ambientalistas.

New Straits Times

09 bobo  
15/3/98 12 cont  
296

**AMAZÔNIA AMEAÇADA:** Ambientalistas abandonam tudo para proteger nativos de queimadas, tratores e motosserras. Em vão

# Somem as florestas e, com elas, índios e macacos

Nas matas de Bornéu exploradas pelas madeireiras da Malásia, penans, orangotangos e gibões caminham juntos para a morte

• KUCHING. Bruno Manser é um suíço que falava alemão. Há 25 anos ele defende os índios penans de Bornéu, uma das últimas nações nômades do planeta — outra é a dos ianomâmis, em Roraima. Um dia sua cabeça foi posta a prêmio pelo Governo da Malásia, que ofereceu 200 mil ringgits (US\$ 65 mil) para vê-lo preso. Manser embrenhou-se nas matas de Bornéu e lá viveu cerca de dez anos, como índio penan. Falando a língua, vivendo os costumes, fazendo como eles. E, como os penans, Manser viu a floresta ser aos poucos destruída pelas madeireiras que operam nos estados de Sarawak e Sabah.

Manser criou uma ONG para proteger os penans da extinção. Foi à ONU, à Comissão Europeia, ao Banco Mundial. Mas não conseguiu impedir o avanço dos cortadores de árvores sobre a floresta dos penans. Gerawet Meguf, um penan nômade do Rio Magoh escreveu um depoimento em língua penan que Manser traduziu assim: "A madeireira veio nos oferecer arroz e dinheiro. Nós recusamos, não queremos nada deles. Resta-nos uma pequena parte da nossa floresta, que queremos preservar. Mas, se nós a defendemos, vem a polícia. Kussi, um madeireiro chinês, não precisa da polícia: ele mesmo atira contra nós. Somos como crianças abandonadas. As madeireiras trabalham ao longo dos rios Magos e Adang, num território que, segundo as promessas do Governo, deveria permanecer intocável".

— As madeireiras de Sarawak e Sabah devoram a floresta com apetite obscuro — resume Manser.

• Gibões, que não descem dos galhos, são as maiores vítimas

Penghulu James, um dos representantes dos penans de Ulu Barum, recusa-se a ser chamado de cidadão malaio. Ele conta que até 1941, quando Bornéu foi invadida pelo Japão, Sarawak era dirigida pelo sultão de Brunei. Em 1946, Sarawak tornou-se possessão inglesa, até virar, em 62, mais um estado da Malásia. Para efeitos legais, os penans são malaios.

Muito antes de qualquer forma de governo se estabelecer, nós já ocupávamos e percorríamos estas florestas. Podem nos chamar de índios, de selvagens ou de nômades, mas não nos chamem de malaios — pede.

Os penans não são os únicos seres ameaçados nas florestas de Bornéu. Também estão desaparecendo os últimos orangotangos e gibões (estes últimos, macacos que nunca descem dos galhos das árvores). As árvores estão sumindo à força das motosserras, dos tratores e das queimadas no Sul de Bornéu. Os orangotangos são caçados por fazendeiros na parte indonésia da ilha ou afugentados pelo inferno criado pelas madeireiras malaias. Alguns nativos de Sarawak e Kalimantan (Indonésia) fazem dos orangotangos bichinhos de estimação, mas a maioria também os mata pela ameaça que representam às suas lavouras de arroz.

**Índios tomam horror dos "homens de sapato"**

— As madeireiras na Malásia e o fogo em Bornéu estão acabando com os orangotangos. Isto aqui vai virar um deserto — prevê Brute Galdikas, uma inglesa que há 25 anos dedica-se à preservação desses bichos.

— As áreas que não estão sendo exploradas pelas madeireiras na parte da Malásia transformam-se em cinza ou em plantações de arroz na parcela da Indonésia — acrescenta Jatna Supriatna, do Instituto Internacional de Preservação de Jacarta.

O que mais entristece os penans é a absoluta falta de alternativa. O Ministério do Meio Ambiente da Malásia se ofereceu para "integrar" os penans à vida urbana do país. Mas os penans não querem o desenvolvimento, as lavouras, a sociedade moderna. Nem os "homens de sapatos", que na linguagem deles significam o prenúncio de mais destruição.

— Sempre que surgem marcas de sapatos na floresta, em seguida chegam os tratores e as motosserras — explica Manser. ■



TORAS EXTRAÍDAS da floresta de Sarawak, estado de Bornéu anexado à Malásia, aguardam transporte para a serraria: empregados de madeireiras malaias não chegam a ganhar US\$ 50 mensais

## Asiáticos culpam pasto e soja por devastação no Brasil

Empresas malaias usam helicópteros para retirar madeiras, mas empregam mão-de-obra clandestina

• KUALA LUMPUR. Sandra Wong tem pouco mais de 30 anos. Elegante num tailleur cinza, ela recebe a equipe do GLOBO na sede da empresa Jaya Tiasa, na capital malaia. Seu escritório funciona no 31º andar, na sede da holding de duas das maiores madeireiras do mundo, a Jaya. A empresa é uma das três gigantes do setor na Malásia e opera no Brasil desde o ano passado, quando comprou as madeireiras Carolina Indústria e Comércio de Madeiras Tropicais, em Itacoatiara (AM), e Selvaplac Verde e Magincó Verde, no Pará, pelas quais desembolsou US\$ 24,5 milhões.

Sandra, que é chefe-executiva da Jaya, há dois anos visita sistematicamente o Brasil, orientando

os negócios da companhia no país. O Brasil, segundo ela, não tem uma política para a exploração comercial de madeiras. Sua principal crítica é contra o Ibama, "uma entidade de caráter ambientalista". Sandra diz que o Governo brasileiro deveria olhar as empresas madeireiras como geradoras de empregos, riquezas e impostos, e não destruidoras.

— Nós temos preocupações ecológicas, pois dependemos das florestas. Quem destrói as florestas no Brasil são os fazendeiros, que cortam a mata para fazer pastos, e os agricultores, que derrubam árvores para plantar soja.

A Jaya Tiasa tem 11 concessões para exploração de florestas no estado de Sarawak, em Bor-

néu. No Brasil a empresa ainda não faz explorações, embora tenha comprado 300 mil hectares de terras no Amazonas. No Brasil, segundo Sandra, a Jaya apenas beneficia madeiras, através das empresas que adquiriu.

A Jaya é pioneira em uso de helicópteros para retirar madeiras nobres das reservas que explora. Ela tem 23 fábricas de beneficiamento de madeira na região de Sibub, cidade costeira de Sarawak, e controla outra gigante do setor, a Rimbunan Hijau Group. Juntas, as duas empresas mantêm 50 mil empregos formais em Sarawak. A Rimbunan, além de cortar e replantar árvores, planta palmeiras e seringueiras, tem uma indústria de pneus, monta tratores, faz

prospecção mineral, tem frotas marítimas, fabrica fibras óticas e detém o controle de empresas de seguros, turismo e construção civil, e está no Brasil através da Jaya. Em 97 manteve 30 mil empregos e faturou US\$ 1 bilhão.

Outra empresa malaia no Brasil é a WTK. Ela comprou a madeireira amazônica Amaplac e tem 300 mil hectares de terras, mais uma opção para explorar uma área de 1,23 milhão hectares nas margens do Rio Juruá (AM). A WTK tem 35 subsidiárias e atua nos setores de construção civil, fabricação de luvas, trading, mineração, seguros e turismo.

A terceira madeireira malaia a entrar no Brasil foi a KTS. Do mesmo porte da WTK, a KTS com-

prou uma indústria no Amazonas. Como as demais empresas do setor, expandiu-se e hoje mantém 40 subsidiárias e 20 associações nos setores de mineração, turismo, seguros e transportes marítimos. Com a Jaya (Rimbunan) e a WTK, a KTS forma o triângulo mais poderoso do setor madeireiro malaio. Ela tem 22 indústrias de beneficiamento de madeira e produz 700 mil metros cúbicos de compensados por ano.

**Estado malaio incentiva a indústria madeireira**

Ao contrário do que afirma o Governo malaio, não há árvore de exploração ilegal no país. Desde que ela seja rentável, pode ser extraída. Há regras de corte para, tecnicamente, impedir que as florestas dos estados de Sarawak e Sabah sejam exauridas, repetindo o mau exemplo da Malásia peninsular. Mas as regras não são cumpridas. Segundo o diretor do Conselho Malaio de Madeiras, Ismail Awang, algumas espécies estariam vedadas ao abate. Mas os madeireiros não querem saber. Barney Chan, diretor da Associação dos Madeireiros de Sarawak, explicou que as concessões oferecidas pelo Governo não levam em conta as espécies contidas:

— Usamos o bom senso para garantir longa vida às concessões. É questão de sobrevivência.

O papel do Estado na exploração da madeira da Malásia é de incentivador. As regras de preservação são tênues. Todas as terras pertencem ao Estado, que as oferece por concessão. Para se habilitar a uma parcela da terra, o interessado, antes de mais nada, deve ser parente, amigo ou sócio de alguém do Governo. De preferência, membro do Governo. O ex-ministro do Meio Ambiente James Wong é um dos grandes exploradores de florestas do país.

A grande maioria dos empregados das madeireiras de Sarawak são estrangeiros: indonésios, filipinos, cambojanos e tailandeses. Uma mão-de-obra mal qualificada e mal paga. O custo de um cortador de madeira não chega a US\$ 50 mensais. O encargo social que cada trabalhador representa é zero. Quase todos são clandestinos. O Governo faz vista grossa. ■

• AMANHÃ: A rotina dos malaios no Brasil

### OPINIÃO

#### ASSASSINAR O FUTURO

• A SÉRIE de reportagens do GLOBO sobre a dizimação predatória de florestas na Amazônia mostra que o problema tem uma legião de responsáveis — quase tão numerosos quanto as árvores que continuam a ser derrubadas na região.

MADEIREIROS QUE fomentam o mercado negro de madeira no Brasil são apenas os vilões mais ostensivos. Eles personificam o inimigo mais perigoso da mata: a ganância.

MAS NO cipoal de erros e desídia há outros protagonistas igualmente nocivos. Uma mistura de vulnerabilidade e falsa esperteza leva tribos indígenas a participar da devastação. Garimpeiros e pescadores — estimulados por empresários inescrupulosos, por projetos oficiais mal inspirados e pela necessidade de sobrevivência — também tiram sem repor.

É FÁCIL identificar os pecados do Governo: timidez na fiscalização, indecisão na escolha de prioridades, e falta de uma política racional. Por exploração racional entende-se a capacidade de resolver um problema sem criar outro maior: cortar uma árvore sem derrubar 20, assentar colo-

nos sem semear desertos, criar empregos nas serrarias sem tornar o ar irrespirável.

COMO É generalizada a responsabilidade — mais exatamente, a culpa — trocar acusações é perda de tempo. A situação de calamidade requer medidas urgentes para evitar a dilapidação de um dos mais ricos patrimônios naturais do planeta.

O PASSO mais urgente tem de ser a intensificação imediata do policiamento para conter a orgia de ilegalidade e desperdício.

A VIGILÂNCIA ininterrupta é o preço a ser pago para que a colonização da Amazônia produza benefícios sociais e prosperidade coletiva. A regra básica da exploração correta não tem mistério: a natureza tem de ser compensada por tudo que dela se arranca.

A TAREFA não é impossível; nem fácil. Exige recursos financeiros e técnicos, esforço inteligente e ampla colaboração — da classe política inclusive. Abandonar posições radicais é um bom começo: a tentativa de trancar a Amazônia a cadeado seria tão prejudicial quanto escancarar as portas. Não leva a nada, e au-

menta sua vulnerabilidade à ação clandestina.

NÃO HÁ crime em extrair madeira de alto valor comercial; deixar de fazê-lo é que seria insensato. Crime é explorar desordenadamente, ou fazer vista grossa à extração ilegal. Em outras latitudes, a indústria madeireira tem uma base sólida: a obrigação de replantar. Na região amazônica, nem isso é necessário: basta deixar a mata se recuperar em paz.

NESSA CRUZADA, ONGs de seriedade comprovada têm papel importante a desempenhar — não só fazendo denúncias mas também sugerindo estratégias.

NA OUTRA ponta, a do mercado consumidor de produtos amazônicos, será bem-vinda a contribuição de entidades que costumam fazer denúncias estridentes contra o Governo brasileiro. Um certificado de boa procedência poderia ser fornecido para o mogno, a maçanduba ou qualquer madeira-de-lei extraída legalmente no Brasil e vendida na Europa e nos EUA. Consumidores conscientes teriam um instrumento para boicotar empresas que prosperam no contrabando e na pilhagem.

EXIGEM ATENÇÃO especial — tanto quanto a folha corrida das madeireiras — os operadores de motosserras, tratores e caminhões.

A FALTA de outras opções de emprego para essa mão-de-obra volátil não justifica o massacre, nem a criação de outros problemas sociais. Pelo contrário: a exploração monitorada de recursos naturais é oportunidade única de assegurar condições de vida decente a quem nada tem. A mão que abate a árvore deveria ser a primeira a colher os lucros da venda da madeira.

AS REPORTAGENS do GLOBO deixam claro que o esbanjamento dos recursos da floresta resultam tanto da ganância, do oportunismo e do descaso como de equívocos bem intencionados. Não chega a ser consolo: é evidente também que a cada dia diminui a margem de tolerância com o erro.

TALVEZ UM dos piores crimes que podem ser cometidos contra o nosso acervo natural é administrá-lo amadoristicamente. Permitir que ele praticamente desapareça equivale a assassinar o futuro.